Artigo original
https://doi.org/10.54260/eb.v40i149.1017
ESTUDOS BÍBLICOS

Um panorama geral para estudo do Livro de Ezequiel

An overview for studying the Book of Ezekiel

Narcélio Ferreira de Lima*

* Mestre em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Doutorando em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, Brasil.
fraternascelius@gmail.com

Recebido em: 21/07/2024
Aprovado em: 21/09/2024

Licença *Creative Commons* CC BY-NC 4.0

Resumo

O presente estudo é fruto de intervenção no III Congresso Bíblico-Teológico da PUC Goiás, realizado de 03 a 07 de junho de 2024 na Escola de Formação de Professores e Humanidades, iluminado pela temática do Mês da Bíblia de 2024 proposta pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil: "Porei em vós meu espírito e vivereis" (Ez 37,14). Objetiva-se fornecer uma pista de leitura no aprofundamento da profecia de Ezequiel, por meio de leitura bibliográfica e hermenêutica, revisando pontos importantes da temática. O(a) leitor(a) encontrará discussões sobre a composição literária, relação do autor com o livro, teologia ezequieliana e pontos que tocam a atualidade do livro e sua profecia. Considera-se que a profecia de Ezequiel é uma das mais atuais no tocante a diversas questões espirituais e políticas enfrentadas pela humanidade em nosso tempo, sobretudo quando o mesmo se destaca como um dos maiores reformadores da religião no contexto bíblico.

Palavras-chave: livro de Ezequiel, profecia bíblica, mês da Bíblia 2024.

Abstract

This study is the result of an intervention at the III Biblical-Theological Congress of PUC Goiás, held from June 3 to 7, 2024 at the School of Teacher Training and Humanities, illuminated by the theme of the Month of the Bible 2024 proposed by the National Conference of Bishops of Brazil: "I will put my spirit in you and you will live" (Ez 37:14). The aim is to provide a reading guide to deepen Ezekiel's prophecy, through bibliographical and hermeneutical reading, reviewing important points of the theme. The reader will find discussions on literary composition, the author's relationship with the book, Ezekielian theology and points that touch on the relevance of the book and its prophecy. Ezekiel's prophecy is considered to be one of the most topical with regard to various spiritual and political issues faced by humanity in our time, especially when he stands out as one of the greatest reformers of religion in the biblical context.

Keywords: Book of Ezekiel, Biblical prophecy, Bible month 2024.

abib
Associação Brasileira de Pesquisa Bíblica

1 Introdução

Sacerdote e profeta, cujo nome hebraico significa provavelmente "que Deus torne forte", Ezequiel é filho do sacerdote Buzi (Ez 1,3), contemporâneo de Jeremias, e atuou em um dos momentos mais dramáticos da história de Israel: o exílio babilônio (séc. V a.C.). A morte de sua mulher também prefigura a situação totalmente nova da aristocracia da qual faziam parte (24,16-24). Perseguindo as informações de seu livro, as revelações de Deus lhe são transmitidas desde 593, correspondendo ao quinto ano da deportação do rei Joaquin, e vão até 573, conforme indicação de Ez 40,1, ou ainda até 571, se se apoiar em Ez 29,17.

O livro de Ezequiel é um dos mais ricos no tocante às diversas questões humanas e busca por clarificação destas. Isso é notório pela mescla entre oráculos e reflexões legais, prosa e poesia, descrições históricas e mitologias, sermões e drama. Conforme o Talmud (b. B. Bat. 14b), em um esquema antigo de cânon dos "Profetas Maiores", o conteúdo de Ezequiel começa com condenação, mas termina com esperança, o contrário de Jeremias, mas situando-se na transição entre a teologia deste e a de Isaías. A posição de Ezequiel (por último) entre os três grandes profetas é, portanto, tardia. Teologicamente, seguindo o esquema antigo, seria um profeta de transição.

De relance, aparenta ser o mais organizado livro profético da Bíblia Hebraica, como apontava Andrew Davidson (1892) e George Gray (1913). No entanto, críticos logo perceberam algumas incoerências textuais. McFadyen (1932) começou a sinalizar cautela: como poderia ter conhecido tão bem a situação crítica de Jerusalém se o mesmo se encontrava exilado na Babilônia? As datas apresentadas são precisas? Suas visões não denotam uma pessoa psicologicamente desequilibrada? O estilo repetitivo e prolixo provém realmente do autor? Por que não se menciona o contemporâneo Jeremias? Essas são apenas algumas das questões que moveram o estudo do livro, sobretudo pelo século XX.

Podemos esquematizar o livro em uma estrutura simples e lógica a partir de duas grandes partes: 1–24, que contém oráculos de julgamento contra Israel, e 25–48 trazendo palavras de encorajamento e esperança. Alguns sugerem estruturá-lo da seguinte maneira (Bíblia de Jerusalém, 2004):

> Introdução (1–3).
> Parte I (4–24): censuras e ameaças contra os israelitas antes do cerco de Jerusalém.
> Parte II (25–32): Oráculos contra as nações.
> Parte III (33–39): O profeta consola seu povo durante e depois do Cerco, prometendo-lhe um futuro melhor.
> Parte IV (40–48): Estatuto político e religioso da comunidade futura.

Pode-se encontrar outras propostas, como a estrutura bipartida sugerida por Christophe Nihan (2010, p. 437) em 1–32 (essencialmente oráculos contra Israel e outras nações)[1] e 33–48 (anúncio de um sobrevivente aos deportados na Babilônia sobre a destruição de Jerusalém).

[1] Quanto aos oráculos contra as nações nessa primeira seção, há exceções observadas por Christophe Nihan (2010, p. 437): Ez 6,8-10; 11,14-21; 16,59-63; 17,22-24; 20,32-44.

Se se observa o conjunto de elementos há também a possibilidade de uma estrutura tripartite (1–24; 25–32; 33–48), por vezes chamada de "esquema tripartite escatológico"[2], vez que a chegada desse sobrevivente (Ez 24,26s) provoca um divisor de águas na teologia do livro, concluindo a seção 1–24 e introduzindo 33–48. Outra maneira interessante de analisar o conteúdo é percorrendo as três etapas do ministério do profeta: castigo divino a Israel, prelúdio de restauração por meio de punição às potências estrangeiras e uma promessa de restauração de Israel (Boadt, 2007, p. 621-622).

Já no início do livro é possível notar a presença de trabalho redacional (1,1-3): no versículo 1 o profeta fala em primeira pessoa, nos dois seguintes o redator fala sobre o profeta em terceira pessoa, sua condição de sacerdote, e corrige equívocos quanto à datação apresentada no primeiro verso. No tocante ao livro como um todo, hoje há certo consenso em admitir, mesmo em meio aos acréscimos[3] e interferências redacionais, que a substancial teologia seja, de fato, de um profeta do século VI e não de ficção. A igualdade das formas e doutrina garantem a fidelidade da mensagem por parte dos discípulos.

Já que a temática da composição foi posta em xeque, a presente reflexão iniciará pelo assunto, apresentando as diversas etapas da crítica que foram sendo levantadas ao longo do século XX, refletindo sobre a possível unidade e fragmentação autoral presente no texto. Na oportunidade, questiona se tal intervenção poderia levar a comprometer (ou não) seu conteúdo, por isso traz presente a relação do livro com seu autor. Por fim, apresenta nuances das teologias presentes nessa profecia para tocar sua atualidade.

2 Intelectualidade de Ezequiel e crítica das formas

Alguns percebem o estilo de Ezequiel "monótono e pálido, frio e diluído, duma pobreza estranha quando comparado com o dos grandes clássicos" (Bíblia de Jerusalém, 2004, p. 1243). No entanto, o emprego de tantos elementos, a incorporação e fusão à sua pregação levam a concluir que o autor possuía uma força criadora espiritual e intelectual extraordinária (Ez 27). "É o resultado de uma escrita muito elaborada; Contudo, a investigação hoje volta a ter um bom *stock* fundamental de profecia autêntica, baseando-a, não menos importante, na forma autobiográfica da herança deixada pelo profeta" (Rad, 2000, p. 276, tradução nossa).

A frieza e dureza que lhe notam os exegetas podem ser impressões de sua grandeza e inacessibilidade, ou ainda, demonstração de um *pathos* divino, da urgência de salvação. Por esse motivo a linguagem dos profetas hebreus nem sempre é linear e inequívoca, pois trata-se de percepções sobre o Sublime e o Absoluto, de batalhas e questões profundas da existência humana sob perspectiva divina. O profeta também é um ponto de vista, com olhar especial sobre a realidade.

Para um simples profeta hebreu exilado, tem conhecimento da construção dos navios de Tiro (27,3-9; 25-36), constituindo uma das fontes literárias mais antigas no que diz respeito à ciência náutica, confirmada por fontes extrabíblicas. "Nos anais de Senaquerib, registra-se o caso dos prisioneiros procedentes de Tiro, Sidon e Chipre, os quais eram marinheiros nas suas terras de origem e foram destinados à construção de um navio

[2] Tal estrutura também pode ser encontrada no Proto-Isaías (Is 1–39), no livro grego de Jeremias e em Sofonias.

[3] Pode-se encontrar numerosos acréscimos pontuais em Ezequiel, veja especialmente a seção de 40–48, sobretudo 44,17-31.

para os assírios" (Rossi, 2024, p. 11). Os babilônios seguiram, portanto, a mesma lógica política dos assírios, se apropriando de trabalhos dos israelitas que tinham profissões bem definidas, como ferreiros e carpinteiros (Jr 24,1).

Como muitos outros livros bíblicos, Ezequiel não foi isento de erros comuns de escriba presentes no curso de sua transmissão pelos séculos. Na verdade, a maioria dos textos antigos os contém. Graças a tradução dos LXX e outros textos paralelos tivemos restaurações razoavelmente confiáveis de muitas passagens da Bíblia. Até o ano 1900 o livro de Ezequiel foi considerado o mais unificado e ordenado da Bíblia Hebraica. Isso se deve a seu plano de elaboração, datações[4] e visões[5].

Conforme registra Lawrence Boadt (2007, p. 616), Gustav Hölscher e William Irwin eliminaram passagens de Ezequiel que continham esses desvios literários e os consideraram não genuínos do profeta. Mas um texto desajustado, ainda mais antigo, significa falsificado? Em um livro tão difícil quanto o de Ezequiel, o método desses dois estudiosos seria o ideal para um crivo de autenticidade? Tais questões redacionais comprometeriam, em algum grau, a essência da religião e história hebraicas?

Outros estudiosos começaram a perceber duplicatas (Ez 3,17-21 = 33,7-9; 18,25-29 = 33,17-20 etc.), acréscimos editoriais, inserções tardias. "Em 1924, G. Hölscher foi mais adiante e atribuiu a um Ezequiel apenas 177 versos do total de 1.235 nos 48 capítulos do livro" (Boadt, 2007, p. 616).

As pequenas unidades de "censuras" e "ameaças", comuns na profecia clássica, desaparecem quase completamente em Ezequiel, dando lugar a poesias e elegias (poesias melancólicas) em estilo barroco. Ele, mais que os outros profetas, gosta de reduzir os temas ao plástico e ao típico. Seus oráculos e jogos verbais são destacados em verso livre e prosa rítmica.

A linguagem de imagens ou enigmas cede lugar a uma forma literária artisticamente manipulada. É o caso da imagem literária, já próxima de parábola, do ramo (Ez 15); a alegoria ou "enigma" das duas águias e do topo do cedro (Ez 17); a alegoria da menina que o Senhor encontrou abandonada e depois casou (Ez 16); as duas lamentações de Sedecias (Ez 19,1-14, da leoa e da vinha); e finalmente a imagem literária de Ez 21 e 24.

Graças a esses tipos literários e variações de estilo pode-se supor algo da personalidade do autor, seus humores aparentemente contraditórios: poesia vívida, prosa comum, uso efetivo de *linah* (lamento) como o dos príncipes expulsos da casa real (19,1-4). Talvez as poesias mais longas sejam a alegoria dos filhotes (19,2-6; 8; 9) e do navio de Tiro (27,3-9; 25-36). "O estilo de prosa de Ezequiel é geralmente sem distinção particular, mas é lúcido e adequado para transmitir sua mensagem. Há alguma influência do Acádico no Heb. do profeta, mas a influência do Aram. é mais destacada" (Book of Ezekiel, tradução nossa).

Espanta por certa liberdade que apresenta desordem (ex.: Ez 34) por meio de sentidos diversos, detalhes estranhos e aparentemente supérfluos – obra dos discípulos? –. Comparando ainda com outros textos proféticos temos expressões únicas como "Filho do homem", "palavras do Senhor Iahweh", "volta teu rosto contra", "assim diz o Senhor". Curiosamente, o livro termina da mesma forma que começou, desta vez não com o Senhor

[4] O livro apresenta onze oráculos datados (8,1; 20,1; 24,1; 26,1; 29,1.17; 30,20; 31,1; 32,1; 33,21; 40,1).

[5] Visão inaugural: Ez 1,4-28.

no trono, mas com a glória da Nova Jerusalém, onde Deus habitará com seu povo para sempre (Ez 1; 40–48).

Temos diante dos olhos uma complexidade que permite perceber traços evidentes do livro de Ezequiel em sintonia com a literatura profética e a Toráh (sobretudo literatura deuteronômica, sacerdotal e o código de santidade de Lv 17–26), sugerindo uma datação tardia da parte final do livro. Fora isso, os estudos mais completos e aceitos sobre o livro na atualidade, conforme registra Nihan (2010, p. 446-447) é de Karl-Friedrich Pohlmann[6], aceito por Thilo Rudnig e Johan Lust[7], os quais defendem o ideal de pró-*golah* (exílio, cativeiro), de modo especial na seção de 40–48.

3 Unidade e fragmentação

Não havia problemas quanto à posição do livro de Ezequiel no cânon judaico, mas no tempo dos rabinos Hillel e Shamai (séc. I a.C.) começaram-se a levantar suspeitas quanto a alguns livros, especificamente no uso litúrgico e público de literaturas que soavam como antilegômenas. Ao lado de Ester, Provérbios, Eclesiastes e Cantares de Salomão, Ezequiel era candidato entre os tais. "O cap. 1 foi banido tanto da leitura da sinagoga (*b. Meg* 4,10) quanto do estudo do livro nas escolas rabínicas (*b. Hag.* 2,1). Apenas posteriormente ela foi permitida, contra a opinião dos rabinos talmúdicos, como a leitura profética para o primeiro dia do Pentecostes" (Boadt, 2007, p. 620).

O Talmud (*Hag* 1,13) indicia os capítulos 40 a 48 por supostas contradições à Toráh e não recomendava o uso público. Os referidos capítulos foram escondidos por muito tempo e, não aceitando os rabinos as soluções apresentadas, resultou no descuido da transmissão do texto e nas corrupções sofridas pelo mesmo. "Previa-se que as dificuldades seriam resolvidas por Elias em seu retorno. Pensava-se também que a bela visão no início da profecia seria profanada pelo uso público ou seu estudo por qualquer pessoa com menos de trinta anos de idade" (Book of Ezequiel, 2024, tradução nossa). Mais tarde, essas menções de castigo poderiam servir de munição à defesa cristã dos pecados de Israel em virtude da rejeição a Cristo, por isso o rabi Eliezer (*b. Sanh* 92b) proibiu a leitura do capítulo 16 e suas abominações. Toda essa movimentação tornou exposta as variações presentes na literatura ezequieliana.

John Taylor (1948, p. 14-16) elenca seis pontos que se levaram a acreditar na unidade literária do livro de Ezequiel: (1) estrutura equilibrada; (2) coerência da mensagem do livro com sua estrutura; (3) unidade de estilo e linguagem; (4) padrão de sequência cronológica; (5) forma autobiográfica do começo ao fim, sem alternância de pessoas verbais – com exceção apenas de 1,2; 3; e (6) caráter e personalidade do profeta presente em todo o livro.

Não foram numerosos os autores a contestar Ezequiel, mas iniciaremos por Flávio Josefo, que teve grande parcela de culpa, ao afirmar que "Nisso ele não foi o único, pois o profeta Ezequiel, antes dele, compusera também dois livros sobre esse mesmo assunto" (Josefo, 2024, local. x.5.I).

[6] A hipótese de Pohlmann consiste na datação do livro ser remetida ao início da época persa porque expõe preocupações próprias do retorno da primeira *golah* para Jerusalém, liderada ainda pelos primeiros exilados de 597 com o rei Joaquin, ou seja, a aristocracia jerosolomitana (Nihan, 2010, p. 446).

[7] Com a diferença que Lust (1999) prefere situar essa redação ao começo da época helenística.

Ainda seguindo os registros de Lawrence Boadt (2007, p. 615-616), vemos que autores como Kraetzschmar apelam pelas inconsistências, repetições e versões paralelas (1ª e 3ª pessoas). Hermann (1908) reconhece a unidade, mas com acréscimos posteriores. Hölscher (1924), nas pegadas de Rowley, via um desmembramento dramático, classificando Ezequiel como poeta, separando o gênero poético do histórico e afirmando ser pós-exílica a doutrina da responsabilidade individual[8]. Em suma, o Ezequiel apresentado no livro nunca teria existido, foi ficção criada pelos redatores sacerdotais, que foram responsáveis pelo maior número de acréscimos legalistas e rituais (Book of Ezequiel, 2024).

Charles Torrey (1930), na posição mais radical, chega a dizer que Ezequiel é personagem fictício inventado pelos anos 230 a.C., não se tratando de uma pessoa histórica, portanto, o livro é um pseudepígrafo e o cenário babilônico é adição tardia. O estadunidense William Irwin (1943), num estudo do capítulo 15 de Ezequiel, deixou o livro com cerca de apenas 250 versículos genuínos dos 1273. Cerca de 80% do livro seria espúria, mas esse israelita permanece como figura profética autêntica. Carl Howie (1950), numa postura tradicional, contesta a composição diversificada e apela à correção. Georg Fohrer (1952) e Harold Rowley (1953) defendem a maior parte do livro como autêntica e asseguram que as edições em nada comprometem seu conteúdo.

Em resumo, duas são as questões que moveram o estudo do livro de Ezequiel, afirma Nihan (2010, p. 444-445): a *dificuldade de identificar essas redações de conjunto* e a *localização espacial*[9] *(temporal) da pessoa do profeta*. Mas Zimmerli, Hossfeld, Grascha e Pohlmann conseguem identificar no livro várias redações independentes da pregação do profeta, apelando para uma redação "pró-diáspora" que também não deve ser rejeitada. Ou seja, a composição do livro agora é explicada não somente pela redação de Ezequiel ou de seus discípulos, mas pergunta-se também pelo contexto redacional.

A repetição de termos e frases não deve ser vista, necessariamente, como sinônimo de fragmentação, mas de reforço à ideia de unidade literária. Expressões como "andando em meus estatutos" (11 vezes), "como eu vivo, diz o Senhor Deus" (16 vezes), "países" (4 vezes), "ídolos" (44 vezes), "nos tempos, eles saberão que eu sou o Senhor" (em muitas partes do livro) podem ser indicadores de homogeneidade, de uma única mente e imaginário por trás da profecia. "O aspecto mais estupendo do livro é o uso consistente do "eu"; o próprio Iahweh é quem fala" (Boadt, 2007, p. 618), enfatizando o poder divino.

4 A relação do profeta com o livro

Enquanto na Bíblia Cristã os livros proféticos são catalogados como "Profetas Maiores" e "Profetas Menores", a Bíblia Hebraica (*Tanakh*) pedagogicamente os esquematiza como "Profetas Anteriores" e "Profetas Posteriores", assim situando o grande exílio babilônico (séc. V a.C.), que foi um divisor de águas na história bíblica. O termo "profetas escritores" hoje é contestado e a tendência é cair em desuso porque o profeta é antes de tudo um pregador. A profecia bíblica não é, *a priori*, algo que se diz ou se escreve, mas que se vive (Lima, 2023, p. 62).

[8] Ezequiel rompe com a solidariedade no castigo, para ele o filho não deve pagar pelos pecados do pai (18,4-20).

[9] Ora Ezequiel está na Babilônia junto aos deportados de Tel-Abib (ou Tel-Aviv), como informa 1,3; 3,15; 11,24, ora muitas vezes se dirige aos habitantes de Jerusalém (4–24; 33,23-29).

A ética dos profetas da Bíblia atrai, naturalmente, discípulos e seguidores que conservam seus ensinamentos. Hoje em dia sabe-se que "nenhum dos livros proféticos foi guardado de tal forma que transmitisse exclusivamente as próprias palavras do respectivo profeta" (Bauer, 2000, p. 345). Ou melhor, aceita-se que não se dispõe mais dos textos originais, restando aos leitores e leitoras modernos(as) cópias de cópias.

De várias maneiras, os profetas sustentavam que suas palavras não provinham de "seu próprio coração" (Ez 13,2), mas do coração de Deus. É provável que eles tenham escrito ou ditado uma parte de suas profecias ou o relato de suas experiências (Ez 43,11). Com Ezequiel aprende-se que o profeta não é apenas um mensageiro ou "microfone", mas também um vigia, servo e pedagogo, encarregado de instruir o povo sobre a justiça e retribuição divina (Ez 3,16-21; 14,12-20; 18; 33,1-20).

Mais que nenhum outro, multiplicou os *gestos simbólicos* de forte impacto (3,22-27; 12,1-6; 24,16-19). De fato, é homem de visões (1-3; 8-11; 37; 40-48), dando origem à corrente apocalíptica que iluminará Antigo e Novo Testamento (Dn e Ap), mas muito mais da *ação*. Já que o Deus de Israel não é o "motor imóvel" dos filósofos, mas o Deus que age para salvar, não poderia ser diferente para o profeta. Até nas provações pessoais ele é um "sinal" para Israel (24,24), como o foram Oseias, Isaías e Jeremias.

A fisionomia de seu livro revela um gênio variável, instável, quase doentio: *prostrado* (3,15), *mudo* (3,26), talvez *paralisado* (4,4-8); um homem desconcertante, de gênio rico e complexo. Ezequiel deixa transparecer a atração dos extremos: fulgurante e meticuloso, sublime e vulgar, barroco e o surrealista (7,1-10; 32,1-8). Mas não era preocupação sua redigir a profecia, ele é antes de tudo um pregador.

O conteúdo dessa profecia faz Ezequiel migrar de arauto trágico a pregador de salvação. Como dito na introdução desse artigo, embora se perceba um longo espaço de tempo na compilação do livro em estudo, sofrendo acréscimos e modificações, há um consenso de lhe atribuir autoria ao profeta que por 93 vezes é chamado de "Filho do homem".

O período histórico da compilação do livro refere-se aos primeiros anos do século VI e chega a tocar o início do período helenista, nas últimas décadas do século IV (Comissão Episcopal para a Animação Bíblico-Catequética da CNBB, 2024, p. 12). O que confere autoridade ao escrito é a santidade contida na mensagem e a edificação espiritual proporcionada à comunidade que o lê. Aliás, como Ezequiel bem mostrou, a Bíblia é a santidade em palavras.

> O conjunto da coletânea aparece então progressivamente como uma das reflexões mais profundas e mais acabadas sobre o significado da captura de Jerusalém e suas implicações para a identidade de Israel, a concepção da justiça divina e a restauração da comunidade pós-exílica (Nihan, 2010, p. 435).

Ezequiel é, em suma, o homem da Palavra. É dela que brota sua vocação (Ez 2,8–3,3). Essa Palavra transcende a letra e a lei, é uma liturgia poderosa representada pelas suas ações simbólicas. Ao comer o rolo, por ordem do Senhor, encarna na vida aquilo que anuncia. Grande parte de seus oráculos são introduzidos pela característica fórmula "veio-me uma palavra do Senhor", que também corresponde a outras como "assim fala o Senhor Deus", "oráculo do Senhor Deus" ou "eu, o Senhor, falei".

A principal divisão interna de sua coletânea pode ser norteada pela tomada de Jerusalém (Nihan, 2010, p. 439), porque o profeta é por demais marcado pela situação de seu povo. Esse "divisor de águas" delineia também o tipo de profecia, migrando de julgamento para restauração, lançando um olhar esperançoso para o futuro de Israel.

> Com toda evidência, nenhuma figura da tradição profética se prestaria melhor que Ezequiel, célebre por suas visões, suas experiências de possessão espetaculares e sua linguagem esotérica, para encarnar as expectativas do partido escatológico depois de este ter sido excluído da edição da Torá na segunda metade da época persa. A obra de releitura dos escribas do partido escatológico deu ao livro sua forma atual e representa, ainda hoje, sua herança literária e espiritual (Nihan, 2010, p. 456).

Até os dias de hoje, estudiosos anglo-saxões como Moshe Greenberg e Daniel Block defendem a autenticidade do livro; já os alemães em geral seguiram o modelo imperante do início do século XX, tendo Fohrer, Eichrodt e Zimmerli como alguns de seus principais expoentes, os quais reconhecem a mão do profeta e acréscimos por parte de uma "escola" de escribas herdeira da teologia de Ezequiel. "Desde Zimmerli, várias pesquisas têm, entretanto, mostrado que na realidade é possível identificar no livro várias redações diferentes, independentes da pregação do profeta" (Nihan, 2010, p. 445).

5 Teologia ezequieliana: atualidade da profecia e do livro

Grande parte da missiologia profética é construída em torno dos eventos da destruição de Jerusalém e do templo, do exílio babilônico e da restauração. Foi o exílio que obrigou o povo israelita a pensar. Ezequiel não é somente um profeta, mas também um teólogo. Ele se viu obrigado a sê-lo porque sua geração, pretensiosa e rebelde, se contentava com (falsas) mensagens proféticas. Ele se queixa de que seus contemporâneos confundiram sua profecia com alegoria (Ez 20,49; 33,32).

Podemos extrair, grosso modo, quatro grandes ensinamentos ezequielianos para a religião judaico-cristã e teologia bíblica: *conceito de Deus*, *conceito de Israel*, *liberdade e responsabilidade do indivíduo perante Deus* e o *Reino de Deus em sua glória final* (40–48).

Lawrence Boadt (2007, p. 620-621) defende haver em Ezequiel certo ineditismo ao desenvolver alguns temas tradicionais, por sua vez centrais na teologia ezequieliana. Dentre eles: (a) o senhorio de Iahweh, (b) a santidade de Deus, (c) demandas cúlticas e morais, (d) responsabilidade individual[10] e (d) pecado e graça. Sem querer aprofundar cada uma dessas temáticas, propõe-se aqui retomar alguns detalhes característicos dessa profecia.

Quando ele fala de pecados está se referindo, antes de tudo, a *infrações dos mandamentos sagrados:* Israel desfalece no terreno da santidade (5,11; 8,7-9; 14,1-11), esse é um tema central e guia de todo o pensamento ezequieliano. Tem horror às impurezas legais (4,14) e preocupação em separar o sagrado do profano (45,1-6). Seu pensamento e vocabulário assemelham-se à Lei de Santidade (Lv 17–26). Há vários elementos que comprovam essa observação, "em particular a referência à santidade do nome de Yhwh, o tema da profanação do *sabbat* e a expressão 'meus sábados', a utilização de *hll*, a insistência na observância das instruções e dos preceitos divinos (*hoq, huqqah* e *mišpat*) etc." (Nihan, 2010, p. 449).

Enquanto para Oseias a santidade se traduz num amor incondicional de Deus que não tolera a aniquilação de Israel, "em Ezequiel é a santidade e a majestade de Yahweh que o move a levar adiante a história deste povo, para que continue a ser sinal e

[10] O tema da retribuição individual já aparecia na Bíblia Hebraica, sobretudo em Dt 24,16, mas agora levado a termo por Ezequiel.

manifestação do seu nome" (Zimmerli, 1980, p. 168, tradução nossa). Seguindo os passos de Rossi (2024, p. 6), que aponta a violência sistêmica denunciada por Ezequiel como o pecado por excelência do povo naquele contexto, expressa em suas calúnias, subornos, usura e roubos, pode-se supor que exatamente isso profanou a santidade do povo eleito, resultando na cólera de Deus e do profeta, mesmo em meio a uma destruição generalizada.

No entender de Johannes Bauer (2000, p. 345) quando uma pregação dos profetas era tirada do contexto original para iluminar o presente, tinha-se certeza de que tal mensagem valeria para sempre, transcendendo o contemporâneo. É comum encontrarmos nas profecias termos generalizados (Os 4,1) e escassez de dados históricos ou biográficos dos profetas, o que transmite certa aura de atualidade. No ponto histórico Ezequiel é uma exceção.

> O cânon hebraico com uma feliz intuição chamou *Profetas anteriores* a diferentes livros históricos da Bíblia — Josué, Juízes, Samuel, Reis —; sua qualidade é idêntica à dos Profetas posteriores [...] Por essa extrema atenção às lições contidas na história e, não apenas por dotes metapsíquicos de previsão, o profeta sabe intuir a lógica de fundo com a qual Deus traça seu plano salvífico e, portanto, sabe vislumbrar seu desenvolvimento futuro (Ravasi, 1989, p. 12, tradução nossa).

Para uma mente moderna, apenas mensagens edificantes podem não convencer o(a) leitor(a) de sua autenticidade e importância, portanto, comungar com os diversos saberes pode enriquecer a discussão e aprofundar interesse. Pesquisas arqueológicas modernas, por meio da descoberta de inscrições em cerâmica, confirmaram muitos aspectos do contexto histórico do livro de Ezequiel, estes inclusive negados por Charles Torrey, como a destruição do templo de Jerusalém e Judá pelos caldeus, o que levaria também a comprometer a confiabilidade de Esdras, Neemias e Jeremias.

> O Óstraco de Laquis recriou vividamente a campanha militar dos babilônios em Judá, pouco antes de destruir Jerusalém. Escavações na Babilônia descobriram listas de racionamentos de cativos recebendo grãos dos suprimentos de Nabucodonosor entre os quais há muitos judeus. O fato de 'Yaukin (Jeoiaque) Rei de Judá' e cinco de seus filhos serem mencionados várias vezes nas listas é um notável atestado para os registros bíblicos da *golah* (Book of Ezequiel, 2024, tradução nossa).

Além dessas descobertas, sinalizadas já em 2Rs 18,13s, fontes extrabíblicas reforçam o retorno a visões mais conservadoras no tocante à origem do livro de Ezequiel, como o "Edito de Ciro" de 538 a.C., atestado por Esdras 1,2-4; 6,3-5. Com a queda de Jerusalém em 587 o surgimento de figuras proféticas a partir do Exílio foi considerado um problema, marcando o fim da era clássica da profecia israelita. Sobretudo nesse contexto "é embaraçoso ser um profeta" (Heschel, 1973a, p. 56, tradução nossa), nenhum deles parece satisfeito de o ser; é ao mesmo tempo distinção e aflição.

Mesmo assim, sua doutrina e testemunho em torno da Aliança levaram estudiosos a considerar esse profeta como "pai do judaísmo". Isso se dá pela sua constante centralidade na doutrina da Toráh, levantando paralelo, por exemplo, com a lista de bênçãos e maldições e com as leis de santidade de Levítico. Mas se o Antigo Testamento como um todo apresenta a Lei divina como dom e sinal de sua benevolência para Israel, recorda Zimmerli (1980, p. 166), agora Ezequiel 20,25 a apresentará em inédita tonalidade: "Dei-lhes então estatutos que não eram bons e normas pelas quais não alcançariam a vida" (Bíblia de

Jerusalém, 2004). A Lei do Senhor, defenderá o salmista, é perfeita (Sl 19,8), os seres humanos é que na realidade a deformam. Tal teologia será aprofundada por Paulo de maneira mais radical, ao defender que tal lei poderá resultar ao ser humano em juízo e castigo, remontando assim à teologia da graça.

Em tom crítico, George Gooche, em sua obra *History and Historians in the Nineteenth Century,* escreve que "Ezequiel inspirou os *Châtiments* [Os Castigos] de Victor Hugo e as visões sociais de Fourier" (Gooche, 1913, p. 48, tradução nossa). Em ambas as obras, temos como plano de fundo uma crítica social. Os profetas hebreus são, assim, acusados de instalar o estado religioso de Israel. A seção de 40–48, ao mesmo tempo, critica o culto oficial no segundo templo e submete a comunidade – incluindo os príncipes – ao templo e à jurisdição dos sacerdotes, estrutura que se consolidará na época helenista. Parece evidenciar um grupo de pessoas não satisfeitas com a promessa de restauração escatológica ou com o julgamento cósmico após fracasso da monarquia (25–32; 33–39).

De um outro lado, psiquiatras e psicanalistas consideraram Ezequiel uma personalidade doentia, digna de estudo. Alguns o diagnosticaram como esquizofrênico, paranoico e cataléptico. Esse profeta hebreu apresenta anormalidades comportamentais que se assemelham à esquizofrenia paranoica. "Um verdadeiro psicótico", suas características incluem "períodos de catatonia", "uma máquina influente", "um conflito narcisista-masoquista, com fantasias de castração e regressão sexual inconsciente, retraimento esquizofrênico, delírios de perseguição" (Heschel, 1973b, p. 171-172, tradução nossa).

No entanto, o significado religioso de Ezequiel não é prejudicado pelo diagnóstico de uma condição paranoica. Outros estudiosos sugeriram que Ezequiel estava sujeito a ataques catalépticos. Há quem veja em sua figura uma espécie de austero e extático, meio terrível e meio engraçado (Heschel, 1973b, p. 86).

> Certos oráculos parecem ser o resultado de perturbações emocionais, mas mostram sinais de compilação cuidadosa e laboriosa, como testemunha a imagem de Tiro. No que diz respeito ao assunto, não há diferença no ensino entre visões extraordinárias e comuns. A grandeza de Ezequiel reside no que ele era (Hines, 1928, p. 220, tradução nossa).

Na verdade, foi o poder do espírito do Senhor entrando nele que o elevou, e então, em plena consciência, recebeu a palavra (1,28-2,1; 36,24-27). A mesma situação é encontrada em Daniel 10,8-10. A visão do "vale de ossos secos" (Ez 37,1-14), uma de suas mais lidas e citadas passagens nos tempos atuais, ilustra o poder vivificador da *ruach* de Deus, reforçando inclusive a fundamentação da ressurreição de Israel (Zimmerli, 1980, p. 168) e da própria ressurreição de Jesus. Essa solução teológica provisória que Ezequiel encontra para o sofrimento presente lança luzes para a recompensa no além-túmulo, mas também se trata de um fenômeno que supera a condição natural do povo, explicita o poder (re)criador de Deus, que arrebata não somente individual, mas coletivamente quando na conversão à obediência.

A experiência profética de Ezequiel já foi equiparada a transe xamânico, lembra Nihan (2010, p. 435), mas o êxtase nos profetas hebreus se manifestava predominantemente no modo sóbrio e contemplativo, o contrário das figuras extáticas estrangeiras conhecidas por Israel (1Rs 18,26.29), essas que chegavam a se prostrar por terra, se cortar, embriagar-se, o que até foi debochado por Elias. Na experiência hebraica não havia perda de consciência, mas um diálogo com Deus, um encontro místico (Lima, 2023, p. 92-97). O interesse em Ezequiel pelos fenômenos de possessão espirituais só reforça a ideia de que realmente possa se avizinhar do contexto da comunidade do segundo templo, que convivia com tais tradições carismáticas.

Alguns ufólogos e afeiçoados a OVNIs "começaram a considerá-lo um dos poucos seres privilegiados que conseguiram vê-los na antiguidade" (Sicre Díaz, 2016, p. 251). Ainda conforme Sicre Díaz, um seriado estadunidense apresentou um OVNI visto pelo profeta, baseados na visão de Ez 1,4-5. A visão dos querubins (Ez 10) também aparece em alguns círculos relacionados a essa suposição.

Ele será uma das grandes figuras que incitará a separação de poderes, numa época em que os reis reivindicavam para si condição de divindade (28,1-2; 7,8-9), expondo corajosamente as fragilidades do príncipe de Tiro. Sendo sacerdote e filho de sacerdote, não o encontramos exercendo a função, salvo a linguagem e teologia presentes em sua profecia. Do mesmo modo, nunca liga o sacerdócio à casa de Aarão como a fonte sacerdotal o fazia. Possui uma capacidade aguda de discutir a situação política de seu povo. Como Jeremias, também denunciou os falsos profetas de seu tempo (Ez 13,3.17; 29,23).

Conspiracionistas e fundamentalistas se apoiam nos capítulos 38 e 39 de Ezequiel para explicar a Guerra entre Rússia e Ucrânia, estourada em 2022 (Santos, 2022), e o conflito armado entre Israel e Hamas, reincidido no ano seguinte (Veiga, 2023). Mas diante da grandeza teológica, cuja finalidade se opera em Ezequiel, esses temas são periféricos. Vale lembrar que em seu texto "a imagem do profeta que transparece é a de alguém profundamente tocado pelo divino, com experiências que ultrapassam a normalidade das coisas; alguém que vivencia de modo radical a mensagem que ele deve transmitir" (Lima, 2024).

O livro de Ezequiel convida-nos a reconhecer a transcendência divina que se exibe na Criação e na história humana. O profeta vê brotar do centro do templo um pequeno manancial que percorre o vale do Jordão, contornando todo o país até desembocar no Mar Morto (Ez 47,1-12). Há nessa teologia ambiental perspectivas de futuro, promessa de abundância, ao mesmo tempo nos remete ao cuidado do meio ambiente e da vida humana, especialmente com as figuras da água, dos seres vivos, pântanos, árvores, frutos, folhas, sal, peixes, dos pescadores, do remédio fornecido pelas plantas, da renovação de fertilidade da terra (35,1–36,15).

Por fim, encontramos nesse livro e profecia uma autocrítica a refletirmos sobre o culto que se presta a Deus, se esse brota realmente do coração (de carne) ou, seja, se se desdobra em todas as situações pessoais, comunitárias e sociais, ou não passa de tradicionalismo estático.

6 Considerações finais

O livro de Ezequiel é autobiográfico na medida em que o profeta experimenta na pele o mais arrasador momento histórico da vida de seu povo e se solidariza com este. Esse profeta não é "patriota" e "conservador". Embora de origem sacerdotal prefere a vontade de Deus que o fetiche ao templo. Como Jeremias, aceita que a presença de Deus não esteja ligada ao santuário, mas onde o povo de Deus está, em culto espiritual. Aceita a realidade "nua e crua" e não vende verdades metafísicas. Se vê forçado a profetizar contra seu próprio povo: a mesma lei que salva agora o julgará.

Embora com conteúdo compósito, pode-se afirmar que essa profecia é uma das mais estruturadas de toda a Bíblia. Tal coerência temática e estrutural fornece aos leitores e leitoras um olhar mais integral da identidade de Deus e de Israel, especificamente como Deus revela sua vontade e como se caracteriza a religião desse povo no contexto

(pós)exílico. Por isso, não somente o espírito do profeta, mas o rosto e testemunho de sua comunidade merece igual importância.

Deus lhe adianta não alimentar qualquer ilusão sobre a eficácia de sua missão (Ez 2,4-6; 3,8-9.27). O messianismo desse profeta não é triunfalista, mas nos mostra a imagem próxima da de um "deus sofredor" – ao modo de Isaías 53 –, que se encontra também exilado e não preso às paredes do templo. Esse *pathos* divino não é mera passividade, pois o Deus de Ezequiel não é o "motor imóvel", mas Aquele que se volta para a causa do mais fraco, do órfão, da viúva, do imigrante (Ez 22,7-9). Mais que homem de visões, Ezequiel é profeta da *ação*. É o compartilhamento desse *pathos* e a ação que distinguem um autêntico profeta do Iahweh, porque não é o mero sentimento (religioso), mas somente a ação que poderá livrar o mundo de sua miséria, da injustiça e alienação com relação a Deus.

A revelação fantástica que Deus dá a conhecer a Ezequiel é, do início ao fim, um efeito da *ruach* divina, que impele à renovação interior do ser humano, ilustrada pela figura de um coração e espírito novos (11,19; 18,31; 36,26). O profeta deixa explícito o que está implícito em outros profetas: "Tenho prazer na morte do ímpio, diz o Senhor Deus, mas não em que ele se desvie dos seus caminhos e viva?" (Ez 18,23). Assim, foi um grande reformador da religião, convidando seu povo ao radicalismo ético. Ele consegue falar de esperança a partir de uma realidade catastrófica, semeando entre lágrimas e alimentando a fé em uma feliz colheita (Sl 126), fornecendo a seus leitores e leitoras interessantes chaves de iluminação para as mais variadas questões políticas e religiosas da contemporaneidade.

Referências

BAUER, Johannes B. *Dicionário Bíblico-Teológico.* São Paulo: Loyola, 2000.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2004.

BOADT, Lawrence. Ezequiel. *In:* BROWN, Raymond E.; FITZMYER, Joseph A.; MURPHY, Roland E. (org.). *Novo Comentário Bíblico São Jerônimo:* Antigo Testamento. São Paulo: Ed. Academia Cristã; Paulus, 2007. p. 615-659.

BOOK of Ezekiel. *Bible Gateway,* [*S. l.*]: [*s. n.*], 2004. Disponível em: https://www.biblegateway.com/resources/encyclopedia-of-the-bible/Book-Ezekiel. Acesso em: 2 maio 2024.

COMISSÃO EPISCOPAL PARA A ANIMAÇÃO BÍBLICO-CATEQUÉTICA DA CNBB. *Mês da Bíblia 2024 – Livro de Ezequiel:* Texto-Base. Brasília: Edições CNBB, 2024.

DAVIDSON, Andrew Bruce. *The Book of Ezekiel*. Cambridge: University Press, 1892.

FOHRER, Georg. *Hauptprobleme des Buches Ezechiel.* Berlin: Verlag von Alfred Töepelmann, 1952.

GOOCHE, George Peabody. *History and Historians in the Nineteenth Century*. 2. ed. New York, Bombay and Calcutta: Longmans, Greens and Co., 1913.

GRAY, George Buchanan. *A Critical Introduction to the Old Testament*. New York: Scribner, 1913.

HERMANN, Johannes. *Ezechielstudien*. Leipzig: J. C. Hinrichs, 1908.

HESCHEL, Abraham Joshua. *Los Profetas*: el hombre y su vocación. Buenos Aires: Paidos, 1973a.

HESCHEL, Abraham Joshua. *Los Profetas:* simpatía y fenomenología. Buenos Aires: Paidos, 1973b.

HINES, Herbert Waldo. The Development of the Psychology of Prophecy. *The Journal of Religion,* Chicago, v. 8, n. 2, p. 212-224, apr. 1928. Disponível em: https://www.jstor.org/stable/1195049. Acesso em: 5 maio 2024.

HÖLSCHER, Gustav. *Hesekiel, der Dichter und das Buch*: eine literarkritische Untersuchung. Giessen: Verlag von Alfred Töepelmann, 1924.

HOWIE, Carl Gordon. *The Date and Composition of Ezekiel.* Philadelphia: Society of Biblical Literature, 1950.

IRWIN, William Andrew. *The Problem of Ezekiel:* An Inductive Study. Chicago: The University of Chicago Press, 1943.

JOSEFO, Flávio. *História dos Hebreus:* de Abraão à queda de Jerusalém. 8. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2004. *E-book.*

LIMA, Maria de Lourdes Corrêa. O livro do profeta Ezequiel. *Theologica Latinoamericana Enciclopédia Digital.* Belo Horizonte: 2024. Disponível em: https://teologicalatinoamericana.com/?p=1740. Acesso em: 1 jun. 2024.

LIMA, Narcélio Ferreira de. *A experiência religiosa dos profetas bíblicos em Abraham Heschel e sua crítica à visão panpsicológica.* 2023. 133 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Escola de Formação de Professores e Humanidades, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2023. Disponível em: http://tede2.pucgoias.edu.br:8080/handle/tede/4903. Acesso em: 1 jun. 2024.

LUST, Johan. *Exile and Diaspora:* Gathering From Dispersion in Ezekiel. *In:* AUWERS, Jean-Marie; WENIN, Andre. (ed.). *Lectures et relectures de la Bible.* Festschrift P.-M. Bogaert. Leuven, 1999. p. 99-122.

MCFADYEN, John Edgar. *Introduction to the Old Testament.* London: Hodder and Stoughton, 1932.

NIHAN, Christophe. *In:* RÖMER, Thomas; MACCHI, Jean-Daniel; NIHAN, Christophe (org.). *Antigo Testamento:* história, escritura e teologia. São Paulo: Loyola, 2010. p. 435-458.

RAD, Gerhard. *Teología del Antiguo Testamento:* las tradiciones históricas de Israel. 7. ed. Salamanca: Ediciones Sígueme, 1993. v. 1.

RAVASI, Gianfranco. *Los Profetas.* Bogotá: Ediciones Paulinas, 1989.

ROSSI, Luiz Alexandre Solano. *Lendo o livro de Ezequiel:* esperança e imaginação profética. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2024.

ROWLEY, Harold Henry. *The book of Ezekiel in modern study.* Manchester: The John Rylands Library, 1953.

SANTOS, Bruno dos. A profecia escondida em Ezequiel sobre a guerra da Rússia. *Guiame.com.br,* [*s. l.*], 2022. Disponível em: https://guiame.com.br/colunistas/bruno-dos-santos/profecia-escondida-em-ezequiel-sobre-guerra-da-russia.html. Acesso em: 1 jun. 2024.

SICRE DÍAZ, José Luis. *Introdução ao profetismo bíblico*. Petrópolis: Vozes, 2016.

TAYLOR, John B. *Ezequiel:* introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 1984.

TORREY, Charles Cutler. *Pseudo-Ezekiel and the Original Prophecy.* New Haven: Yale University Press, 1930.

VEIGA, Edison. Conflito Israel-Hamas: De onde vêm as interpretações religiosas para a guerra? *BBC News Brasil,* [*s. l.*], 2023. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/articles/cn03l1exe5zo. Acesso em: 1 jun. 2024.

ZIMMERLI, Walther. *La ley e los profetas.* Salamanca: Ediciones Sígueme, 1980.